

1 Coríntios 11.1: Imitando Cristo para formar

O discipulado cristão acontece também por meio da imitação de uma vida que segue a Cristo, de modo que aqueles que formam outros precisam viver de maneira coerente com o Evangelho e apontar continuamente para Cristo como o verdadeiro modelo do discípulo.

Objetivo

Mostrar que a formação de discípulos não acontece apenas pela transmissão de informações, mas também pela observação e imitação de uma vida submetida a Cristo, destacando que toda autoridade do formador é derivada e que o objetivo final da imitação cristã nunca é reproduzir a personalidade de um líder, mas conformar-se a Cristo.

Mensagem central

Quem deseja formar outros precisa viver de tal maneira que sua própria vida aponte para Cristo, porque o discipulado se multiplica quando discípulos aprendem a seguir Cristo observando outros que já o estão seguindo.

Introdução

Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo. A frase é curta e pesada. Paulo coloca a própria vida diante da igreja de Corinto e, no mesmo fôlego, recusa o trono. Pode ser imitado porque está seguindo Cristo. O exemplo dele tem autoridade só enquanto permanece subordinado ao Exemplo maior.

Ensinar pode caber numa aula, num livro ou numa pregação. Formar é outra coisa. Acontece quando o que foi dito começa a ganhar corpo na vida. Uma criança ouve os pais falar de fé e também os vê orar na dificuldade. Um novo convertido ouve sobre serviço e encontra gente que serve sem aplauso. Um discípulo ouve sobre perdão e vê um ferido escolher reconciliação. A vida ensina. Por isso todo formador ensina mais do que imagina. O modo de falar, tratar, gastar, reagir à crítica, sofrer e usar poder está o tempo todo dizendo alguma coisa.

O equilíbrio de Paulo protege os dois lados. O formador não é o destino do discípulo. É referência temporária. Cristo é o destino. Pode-se aprender com Paulo e pertencer a Cristo. Pode-se observar um pastor e seguir a

Cristo. Pode-se receber um mentor e ter a consciência submetida à Palavra. O mentor também precisa apontar para além de si.

A frase não aparece solta. Paulo fecha uma seção longa sobre liberdade, direitos, consciência, idolatria e o bem do próximo. O próprio exemplo explica por que ele pode pedir que o imitem.

Narrativa e contextualização

Corinto era cidade de comércio, religiões e tensão social. Os cristãos precisavam aprender a viver a nova identidade em Cristo no meio daquela vida. Nos capítulos anteriores Paulo trata da comida sacrificada aos ídolos. Alguns tinham conhecimento bastante para saber que o ídolo não é deus. Outros ainda tinham consciência ferida diante de ambientes ligados à idolatria. Paulo poderia ter reduzido tudo a uma disputa de direitos: eu tenho liberdade, eu sei mais, minha consciência permite. Escolhe outro caminho. Coloca o próprio comportamento como exemplo de renúncia.

Em 1 Coríntios 9 ele defende o direito apostólico e, ao mesmo tempo, mostra que abriu mão de direitos para não pôr obstáculo ao Evangelho. Fez-se tudo para com todos, a fim de salvar alguns. Isso não relativiza a verdade. Submete o direito pessoal ao bem do Evangelho. É nesse chão que chega 11.1. A frase não autoriza copiar cada traço da personalidade de Paulo. Chama a reproduzir uma postura. Ele organiza liberdade, direitos e relacionamentos em torno de Cristo e do bem espiritual dos outros. É isso que Corinto deveria imitar. Paulo não diz apenas que entendam a teologia. Diz, na prática, que observem como ele vive e sigam esse caminho. A doutrina precisa assumir forma na vida.

A frase conduz a três verdades. O formador precisa viver de modo imitável. Sua vida precisa apontar para Cristo. A imitação deve produzir uma cadeia em que quem aprende também se torna capaz de formar.

1. O formador precisa viver de maneira coerente com aquilo que ensina — 1 Coríntios 11.1

Sede meus imitadores. A frase pede coragem. Paulo não diz só que leiam os ensinamentos. Diz que observem a vida. Chega uma hora em que o discípulo olha menos para o que o líder fala e mais para o que o líder faz. Isso não exige perfeição. Se exigisse, não haveria discipulado. Exige coerência. A autoridade do formador não nasce da ausência de falha. Nasce de uma vida que, mesmo falhando, permanece voltada para Cristo, reconhece pecado, recebe correção e busca viver o que ensina.

Robert E. Coleman enfatiza que Jesus formava por instrução e por convivência. Os discípulos estavam com ele. Viam como tratava gente, orava, respondia à oposição, servia e enfrentava a missão. O discípulo precisa de acesso à vida do formador. Conteúdo sozinho produz conhecimento. Relacionamento pode produzir caráter. Por isso o discipulador não pensa só no que dirá na reunião. Pensa no que a vida ensina entre uma reunião e outra: a reação à contrariedade, o trato com quem não oferece vantagem, a fala sobre quem está ausente, o uso

do dinheiro, o modo de lidar com o erro, a família, a perda, o elogio e a hora em que ninguém vê. Essas horas formam.

Keith W. Phillips insiste no caráter intencional e relacional do discipulado. É preciso proximidade bastante para o discípulo não ver só a versão pública, mas a fé no cotidiano. Não se pode dizer: faça o que ensino e não faça o que faço. Essa estrutura não serve ao discipulado cristão. O formador não precisa esconder a humanidade. Precisa mostrar como um cristão lida com ela diante de Cristo. Quando peca, confessa. Quando erra, pede perdão. Quando não sabe, reconhece. Quando é corrigido, recebe. Quando está fraco, busca ajuda. Quando sofre, continua confiando. Isso também forma.

Dallas Willard compreende o discipulado como aprendizagem prática de viver com Jesus. Formação espiritual não se separa da vida real. O discípulo precisa aprender não só o que Cristo ordena, mas como viver isso quando a vida aperta. O formador, portanto, é alguém que está aprendendo a viver com Cristo na frente

do discípulo. Não precisa fabricar imagem de perfeição. Precisa apresentar uma vida que de fato segue Jesus.

2. O formador precisa apontar para Cristo, e não transformar a própria vida em destino do discípulo — 1 Coríntios 11.1

A segunda metade da frase protege a primeira. Como também eu sou de Cristo. Paulo não diz apenas que o imitem. Diz que o imitem porque ele imita Cristo. A diferença é enorme. O formador é modelo, não padrão absoluto. É exemplo, não Senhor. Pode ser seguido, não pode substituir Cristo.

Todo discipulado relacional corre um risco: virar personalismo. O discípulo imita o líder, depois o defende, depois reproduz preferências, depois confunde opinião humana com Palavra de Deus e, por fim, a relação vira dependência. Paulo combate essa estrutura na carta inteira. A igreja se dividia: eu sou de Paulo, eu, de Apolo, eu, de Cefas. Ele não aceita o esquema. Os líderes são servos. Cristo é o centro. O discipulado precisa produzir

gente capaz de permanecer fiel a Cristo quando o formador humano não está.

Michael J. Wilkins enfatiza que, no Novo Testamento, discípulo é quem segue Jesus. O mentor participa da formação. O Mestre continua sendo Cristo. Isso precisa aparecer na prática. Um discipulador saudável ensina o discípulo a examinar as próprias palavras à luz das Escrituras. Não deseja ouvir que o pastor pensa assim e portanto é verdade. Deseja ouvir que a Escritura ensina, e o pastor ajudou a compreender e obedecer. O primeiro produz dependência. O segundo produz maturidade.

J. T. English ajuda a ver que a fé cristã não é propriedade de um líder. A Igreja recebe, confessa e transmite essa fé sob a autoridade das Escrituras e de Cristo. O formador aponta para fora de si. Pode dizer que não sabe, que precisa estudar, que pode estar errado, que é preciso voltar ao texto. Essa postura não enfraquece a autoridade. Purifica-a. Quem sabe que não é Cristo serve sem exigir o centro. Quem entende que a autoridade é derivada corrige sem dominar. Quem sabe que os discípulos pertencem a Cristo consegue liberá-los. Seguir um

formador cristão é aprender com ele a seguir Cristo, não aprender a seguir o formador no lugar de Cristo.

3. O discípulo que aprende a imitar Cristo torna-se capaz de formar outros — 1 Coríntios 11.1

Há uma dimensão que se multiplica na frase. Paulo foi formado por Cristo e agora forma outros. Os discípulos observam, aprendem e depois também poderão formar. Essa lógica atravessa o Novo Testamento. Paulo recebeu e transmitiu. Timóteo recebeu e transmitiu. Os discípulos de Jesus receberam e foram enviados. A formação não deveria terminar numa geração.

Coleman enfatiza essa multiplicação no ministério de Jesus. Cristo investiu fundo em poucos para que esses poucos alcançassem muitos. A multiplicação acontece quando discípulos formados se tornam formadores. Paulo não quer só que Corinto admire o comportamento. Quer que o reproduza. A pergunta deixa de ser apenas se estou crescendo. Passa a ser se estou formando alguém, e se essa pessoa será capaz de formar outra.

Avery T. Willis Jr. insiste na reprodução como marca do discipulado. O alvo não é só produzir discípulo maduro. É produzir discípulo capaz de reproduzir fé e vida em outras pessoas. Isso muda o modo de medir maturidade. Alguém pode ter muita teologia e pouca capacidade de acompanhar o outro. Outro pode não ter brilho acadêmico e ser profundamente capaz de ensinar a Palavra, mostrar o Evangelho e conduzir alguém a Cristo. Maturidade inclui capacidade de transmitir.

O exemplo importa porque conteúdo se copia e caráter também se reproduz. Humildade forma humildade. Arrogância multiplica arrogância. Dependência de Cristo forma dependência. Centralização em si cria discípulos centrados em si. O formador nunca multiplica só o que ensina. Multiplica o que é. Por isso a pergunta mais séria não é quantas pessoas estou ensinando. É que tipo de pessoa minha vida está ajudando a produzir. O discípulo tende a reproduzir o que encontra de novo e de novo diante dos olhos. Competição gera competição. Serviço gera serviço. Fome de aplauso gera fome de aplauso. Vida que aponta para Cristo ensina a olhar para Cristo.

Precisamos ter cuidado com o que estamos multiplicando.

O Evangelho e o Messias no texto Seria fácil transformar 1 Coríntios 11.1 num chamado genérico à excelência: viva de modo que as pessoas possam imitá-lo. Há verdade nisso, e ainda não chegamos ao centro. Paulo não pede que imitem uma pessoa boa. Pede que o imitem como ele é de Cristo. O centro não é Paulo. É Cristo. Essa é a diferença entre discipulado cristão e formação moral. O cristianismo não oferece só um conjunto de virtudes a reproduzir. Oferece uma Pessoa viva, que morreu pelos pecadores, ressuscitou e chama gente para segui-lo.

O formador só aponta bem para Cristo porque ele mesmo foi alcançado. Paulo não diz que construiu sozinho aquele padrão. A vida dele foi transformada pelo Evangelho. O perseguidor tornou-se apóstolo. Quem respirava ameaça tornou-se servo. Quem se apoiava na justiça própria passou a considerar tudo perda por causa de Cristo. A imitação cristã nasce dessa graça. Ninguém

forma discípulos só pela força da disciplina pessoal. Precisamos de graça, do Espírito, da Palavra e de Cristo.

Jesus é o modelo definitivo porque nele vemos a humanidade perfeita submetida ao Pai. Serviu, amou, sofreu, perdoou, obedeceu, entregou a vida e ressuscitou. Paulo pode dizer “imitem-me” porque a própria vida está sendo moldada por esse Cristo. O alvo não é formar pequenos Paulos. É formar gente semelhante a Cristo. Não queremos quem fale como nós, e sim quem aprenda a pensar pela Escritura. Não queremos quem reproduza preferências, e sim quem obedeça a Cristo. Não queremos dependentes da nossa presença, e sim fiéis na nossa ausência. Não queremos perpetuar imagem. Queremos tornar Cristo conhecido. O formador desaparece. Cristo permanece. O que foi ensinado e vivido pode continuar alcançando outros porque estava fundamentado nele.

Conclusão

1 Coríntios 11.1 coloca sobre quem forma uma responsabilidade séria: viver de tal modo que a vida possa ser imitada sem ocupar o lugar de Cristo. Paulo não teve medo de dizer sede meus imitadores. Também não teve

medo de acrescentar como também eu sou de Cristo. A segunda frase protege a primeira. O líder precisa ser exemplo e não ídolo, próximo e não indispensável, formador e não substituto da Escritura. A pergunta madura não é quantas pessoas precisam de mim. É quantas estou ajudando a seguir Cristo.

Não precisamos ser perfeitos para formar. Precisamos ser gente que de fato segue Cristo, reconhece falha, vive debaixo da graça e aponta para o Senhor. Paulo não disse que fossem como ele porque ele bastava. Disse que o imitassem como ele imita Cristo. Essa cadeia precisa continuar. Cristo forma Paulo. Paulo forma outros. Outros formam outros. De geração em geração a Igreja transmite não uma personalidade nem uma cultura particular, mas a fé no Cristo crucificado e ressuscitado. O melhor formador não é o que produz gente semelhante a si. É aquele cuja vida ensina outros a olhar para Cristo e, depois de aprendem a segui-lo, a formar também outros discípulos.